
AUTOBIBLIOGRAFIA DE SEBASTIÃO CRISÓSTOMO DE NEGREIROS (ZOTINHO)

Capítulo 3 – INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

	Página
1 – PEREGRINAÇÃO À CAPELA (Aparecida do Norte)	2
2 – Tombo / Congestão / Doença da Perna	2
3 – Colégio Interno (Seminário)	6
4 – Falecimento de minha mãe	4
5 – O Primeiro Amor: Pequenina	8

Transcrito do Diário do Vovô Zotinho por:
José Nilton de Paiva e Joselisa Péres Queiroz de Paiva

Sugestões, comentários, críticas e/ou complementações (relatos e causos) favor enviá-los para:

E-Mail: joselisa@terra.com.br

Endereço: Rua Benedito Calixto, 167 – Apto 15 - Bairro Gonzaguinha

CEP 11320-070 – São Vicente / SP

Tel.: (13) 3469-8004

CAPÍTULO 3 – INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

1 – PEREGRINAÇÃO À CAPELA (Aparecida do Norte)

Mamãe tinha promessa de todo o ano levar o povo na Capela (Aparecida do Norte). A família reunia seus membros, mais os colonos, arrendeiros ou até mesmo estranhos que quisessem tomar parte da peregrinação à “Capela de Nossa Senhora de Aparecida”¹. Levavam-se burros com colchão e jacá carregando utensílios de cozinha e encerado para barracas. Nós íamos a cavalo, alguns iam a pé, mas pelos atalhos e acabavam chegando juntos nos pousos.

Saíamos contornando as montanhas, beirando precipícios e corredeiras perigosas, andando por trilhos cavados a casco de burros, entre florestas de pinheiros. Ora passávamos por grotas profundas ou por grimpos altíssimos. Assim era até chegarmos aos píncaros da Mantiqueira depois de passar por Itajubá Velho, hoje Delfim Moreira. Depois era a parte mais penosa. A descida da Serra do outro lado. Trilhos estreitos, pedras que rolavam, escadas íngremes e quilômetros e mais quilômetros até chegarmos em Piquete, no Estado de São Paulo. Lá, um pernoite ou dois. A divisa dos Estados fica no alto da Mantiqueira, de onde, à noite, da pra ver inúmeras cidades, inclusive a própria “Capela”.

A seguir, ainda uma grande distancia a vencer, mas sem mais aqueles perigos e percauços das montanhas. Agora boas estradas planas e boas pontes, onde podia passar até carro de bois. A próxima cidade seria Lorena. De lá a Guará e então chegávamos à Capela, onde o povo arranchava na Casa Santa. A viagem durava 3 a 6 dias.

2 – Tombo / Congestão / Doença da Perna

Na ocasião das capinas das roças, papai fazia grandes mutirões com festas e bailes que eram muitos divertidos. Todos os roceiros faziam seus mutirões. Trocavam dias: hoje pra mim, amanhã pra você, etc. Tudo isto antes do natal, dia 25 de dezembro. Se alguma roça até esse dia não estivesse capinada, eles levavam ao João do Mato e diziam:

¹ O rio Paraíba, que nasce em São Paulo e deságua no litoral fluminense, era limpo e piscoso em 1717, quando os pescadores Domingos Garcia, Felipe Pedroso e João Alves resgataram a imagem de Nossa Senhora Aparecida de suas águas. Encarregados de garantir o almoço do conde de Assumar, então governador da província de São Paulo, que visitava a Vila de Guaratinguetá, eles subiam o rio e lançavam as redes sem muito sucesso próximo ao porto de Itaguaçu, até que recolheram o corpo da imagem. Na segunda tentativa, trouxeram a cabeça e, a partir desse momento, os peixes pareciam brotar ao redor do barco. Durante 15 anos, Pedroso ficou com a imagem em sua casa, onde recebia várias pessoas para rezas e novenas. Mais tarde, a família construiu um oratório para a imagem, até que em 1735, o vigário de Guaratinguetá erigiu uma capela no alto do Morro dos Coqueiros. Como o número de fiéis fosse cada vez maior, teve início em 1834 a construção da chamada Basílica Velha. O ano de 1928 marcou a passagem do povoado nascido ao redor do Morro dos Coqueiros a município e, um ano depois, o papa Pio XI proclamava a santa como Rainha do Brasil e sua padroeira oficial.

- O menino benzeu o mato da sua roça.

Em desses mutirões, na noite do baile e de festas, eu com 6 anos, levei um tombo na porta da cozinha e fui levado pro quarto aos gritos. Passei dia e noite no colo da mamãe, quase 1 mês. Quando o Dr. Augusto Capistrano foi me ver ele disse:

- É congestão, a perna está encolhendo, comeu pau a pique quente.

Só depois de 3 ou 4 meses é que eu comecei a andar com as mãos no joelho, porque em cima nas escadeiras doía muito.

Quando eu estava com 11 anos papai me levou ao Barão de Pedro Afonso ², especialista em luxação. Ele disse:

- O "quarto" está fora do lugar, a operação é muito simples, é puxar e por a perna no lugar. Mas vai ficar dura, sem movimento, porque nós temos um liquido que gruda a carne no osso.

Eu tinha a perna fraca, punha a mão no joelho para afirmar e não sentir dor. Ouvindo o médico falar, eu não quis mais operar.

Minha avó não querendo me ver agachado, mandou fazer uma bonita muleta de almofada com estribo embaixo para suspender a perna para descansar. Gostava dela perto da vovó, andava por dentro da casa. Mas quando saía, a criançada punha ela no ombro e eu punha a mão direita no joelho para alcançar a turma. Quando embarquei para Pouso Alto - Aparecida, larguei a muleta no trem. Andava a cavalo muito bem, mas tinha que chegar o animal no barranco e com o estribo da perna doente muito curto.

Anos mais tarde, eu na minha lida na minha vendinha, precisando ir lá em cima em casa, montei num burro de um freguês que estava lá na venda. Lá em casa, almocei e montei de volta no dito burro. Ao descer o morrinho, chegando no córrego, os arreios bambearam, o burro saltou e eu caí na água. O córrego era raso. Saí molhado, peguei o burro, apertei os arreios e tornei a montar.

Isso me fez muito mal. Fiquei com uma grande constipação. De noite tomei um chá quente. Fiquei de cama uns 4 ou 5 dias. A perna começou a doer. O papai veio me buscar lê do Rosário. Fui num carro de boi, num colchão com dois travesseiros escorando a perna que não podia bolir, doendo sempre. Quando estava pra chegar no Rosário, ao passar no córrego, o carro trepou em uma pedra e deu um baque. Gritei de dor. Chorei mais de ver o papai atrás acompanhando o carro, saltou do cavalo e veio me acudir.

² O barão de PEDRO AFFONSO foi o [Dr. Pedro Affonso Franco](#) que nasceu no RJ em 21 de Fevereiro de 1845 .Era filho de Pedro Affonso de Carvalho e de Luiza Helena de Carvalho. Casou duas vezes, a Segunda vez com Margarida de Mattos Franco, baronesa de PEDRO AFFONSO. Doutor em medicina pela Faculdade do RJ e pela de Paris, foi lente catedrático jubilado e Diretor do Instituto Vacínico Municipal. Foi Diretor Geral de Saúde Pública. Oficial da Imperial Ordem da Rosa.

No outro dia veio um medico de Cristina, Dr, Manuel Airosa. Ele examinou a perna e disse: – Pode ser um tumor interno. E deu uns remédios: pomadas, injeções, etc. Eu fiquei mais um mês sofrendo de dores. O que me aliviava era banho quente na bacia e na perna. Isso me aliviava por umas 2 ou 3 horas. As minhas irmãs e as moças passavam a noite comigo, fogo acesso à noite toda, esquentando água. Os remédios do medico não estavam adiantando nada.

Papai recebeu um bilhete da D^a Piquita, dona do hotel de Cristina, dizendo que tinha chegado em Cristina um Dr. especialista em luxação e queria que levasse o rapaz lá. Eu deitei em um catre com colchão, com 4 homens carregando: 2 na frente e dois atrás, e outros acompanhando. Papai ia a cavalo de um lado perto de mim. Na virada da serra o pessoal saía de suas moradas e vinha de carreira ajudar a carregar, pensando que era defunto. Um deles ao pegar no catre falou:

– Uai, ele tá vivo?

Eu respondi:

– Ao menos posso lhe agradecer.

Ele se espantou:

– Ah, é o Sr., Sô Zotinho!

Chegando ao hotel fiquei em um quarto junto com o Niquinho. O papai veio embora.

O médico veio me examinar e achou que a perna estava encolhendo e mandou fazer massagem. Passava um pó branco, esfregava e batia na perna inteira, o que mais aumentava as dores. Depois de uns 15 ou 20 dias eu zanguiei com o médico que me disse: – Eu tenho uma injeção 914, mas é cara, custa 300 mil réis.

O cônego José Augusto ia todos os dias me visitar. Falei com ele da injeção que o Dr. falou e ele me disse:

– Deve tomar, se não fizer bem, mal também não faz.

Falei com o médico, que trouxe a injeção, amarrou o braço e deu na veia. E disse:

– Vai dar uma reação, beba uma garrafa de água São Lourenço.

Assim que o médico saiu, senti a injeção subir pra cabeça. Quando desceu me deu uma tremedeira, comecei a mexer na cama, a gritar e chorar. O Niquinho correu na janela e gritou o doutor. Ele disse:

– Uma garrafa de água ou guaraná.

O Chico Gorgulho, negociante em frente, saltou o balcão e me trouxe a garrafa d'água, que eu bebi e foi água na fervura! Eu quase não dormia, mas nessa hora eu ferrei no sono. Quando acordei, virei na cama sem sentir dor na perna. Fiquei contente.

Chamei o Niquinho, o qual tinha um cavalo e disse-lhe:

– Vai lá em casa, fala com o papai e traz um cavalo, que eu quero ir embora. O Niquinho foi e trouxe o cavalo. No outro dia montei a cavalo e fomos passo a passo com o estribo bem curto para firmar a perna. Ao chegar em casa, no apear, fiz uma forcinha na perna, a qual começou a doer de novo.

Mas eu estava contente e satisfeito de estar no meu quarto, na casa ao lado do igreja de Nossa Sra do Rosário. A moçada veio toda. Mandei por fogo no fogão e trazer água quente. No outro dia trincou a pele da perna e furou, começando a vazar. Passou a dor. Eu dormi e comia bem.

Depois de uns 5 ou 6 dias, com saudades do pessoal da Casa Grande, mandei arriar a eguinha, comprei meia dúzia de lenços grandes de chita e enrolava na perna onde estava vazando. Quando molhava um, punha outro. Quanto mais vazava, mais forte ia ficando a perna. Montei a cavalo e fui nos Pintos. Passava o dia com o pessoal e de tarde voltava par o Rosário, sempre melhorando, alimentando bem, dormindo bem.

3 – Colégio Interno (Seminário)

Numa dessas viagens à Capela, minha mãe passou no Colégio Salesiano de Dom Bosco em Lorena, e arranjou para eu ir para lá. Chegando em casa aprontou as malas e eu e o tio João do Morro e um camarada montamos a cavalo aqui e fomos pegar o trem na Ponte do Carmo (Estação de Américo Lobo). De tarde as 17:30 horas embarquei, deixando os animais na beira da linha lá atrás.

O trem passou e olhei o meu cavalinho. Era a primeira vez que saía de casa, sozinho, para longe. Ia triste como um boi pro matadouro. Deitei no colo do tio João e dormi. Atravessamos a cidade de Cruzeiro e chegamos às 2 horas da madrugada. Ficamos em uma pensão perto do Colégio. Às 10 horas estávamos na portaria do Colégio. Fomos recebidos pelo padre diretor. Ficamos umas 2 horas na sala. Tio João arrumou tudo que precisava e despediu-se. Quando o portão fechou, para mim foi o fim do mundo.

O diretor me pegou pelo braço e me levou no pátio da criançada, tinha uns 800 alunos mais ou menos. A criançada me cercou, cada qual perguntava uma coisa e eu ia respondendo. Quando eu disse que era dos Pintos, um deles perguntou:

– É perto do Rosário?

Quando falou em Rosário, eu levantei a cabeça.

– Eu sou de Virgínia, família dos Veremos, concluiu.

Eu, ele, Luis Ribeiro Veremos e seu irmão, saímos de braços dados, como três irmãos. Quando tocou a sineta para o estudo o pessoal enfileirou e o padre assistente me disse: – Não precisa entrar na fila. Acompanhei a turma. Chegando lá em cima o padre me levou a uma carteira perto de sua mesa e me disse:

– Essa é sua. Estavam ali uns livros e cadernos do 4º ano primário.

Eu estava com 13 anos e tinha estudado uns 2 ou 3 anos na escola da Casa Grande, com o professor tio Joaquim Capistrano Negreiros, casado com a professora Maria Rita Vilhena Negreiros. Não conhecia o livro de história do Brasil, mas já conhecia de diversos tópicos da história, contados pelo meu professor: a descoberta do Brasil por Pedro Álvares Cabra, a 1ª missa no Brasil por frei Henrique de Coimbra, Caramuru, Estácio de Sá, Governador Mem de Sá, os escritos de Pero Vaz de Caminha, Dom Pedro I, os jesuítas padres Anchieta, Manoel da Nóbrega, Vieira e outros, Dom Pedro II, Maurício de Nassau, princesa Izabel, Independência do Brasil, etc.

Escrevi uma carta para a mamãe, pedindo para ela vir me buscar, que eu queria ir embora e que a perna estava doendo. Tocou o sino para o jantar. No refeitório o Padre Felipe me arrumou com alegria. Era um padre feio, carrancudo, mas era carinhoso e muito bom. Fiquei gostando muito dele. Quando o via eu me lembrava da mamãe.

No recreio foram todos para o pátio de baixo e eu fiquei com os padres. Já conhecia uns três. Vieram os outros. O padre Radice era cambeta como eu. Tinha a perna curta e era dura, não tinha jogo no “quarto” e andava torcendo o corpo. Usava dois saltos na botina. Dom Elvécio Gomes de Oliveira foi quem me ensinou a pegar o primeiro peixe. Joguei o anzol e a vara começou a tremer e o padre gritou:

– Puxa Bastião! E eu joguei o peixe no jardim do vizinho. Entrei pelo buraco da cerca e fui buscar o peixe.

Já estava arrependido de ter escrito aquela carta para a mamãe. Falando com o colega Luiz Veremos ele disse:

– O padre com certeza não mandou sua carta.

Passado uns dias o Padre Felipe me chamou no refeitório e me entregou uma carta do papai e ele pediu para ler para eu ouvir. Foi bonita a carta. Aconselhou-me a ter paciência, coragem e fé em Cristo. O papai era um católico de verdade. Recordei dele fazendo os discursos nas chegadas do Bispo e padres no Rosário.

Eu já estava acostumado com o pessoal. Entre os colegas, bastava se dizer mineiro para ser considerado como um irmão. Depois de uns três meses recebi uma carta do tio João do Morro. Ele pedia licença ao padre superior para eu ir batizar o seu filho Gabriel. Queria que eu fosse no domingo seguinte. O padre superior me deu licença de uma semana.

Nesse mesmo dia embarquei para Pouso Alto e fiquei na casa do tio Augusto. No dia seguinte montei a cavalo e cortei as 7 léguas e as 4 horas da tarde eu já estava nos Pintos. Naquela noite não dormimos.

O povo todo estava lá em casa: parentes e colegas. Cada um contava as suas passagens e queriam saber das minhas. Eram umas 10 moças, só eu de homem e os netos da vovó na Casa Grande. Foi uma semana de festas. Ia com a turma na casa de todos.

Fiz o batizado e domingo seguinte fui à missa no Rosário e de lá para Pouso Alto. Peguei o trem de noite e de madrugada estava no colégio.

Desta vez estava contente e satisfeito. Eu já tinha amizade com todos e peguei firme no batente. Fui direto para a enfermaria tomar um café com leite quente. O Sr. Carlos me queria bem. Quando eu chegava, ele dizia:

– Você quer um café com leite quente, né?

E vinha com o café com leite quente.

Nas quintas feiras tinha o passeio obrigatório, mas eu não era obrigado, ficava com os padres. O tenente da linha de tiro me ofereceu o seu cavalo. Quando eu queria ir falar com ele, ele mandava o cavalo arriado. Eu montava com ordem dos padres e dava umas voltas pela cidade.

Nas festas no colégio, ia abanda do batalhão de Lorena tocar. Eu ficava admirado de ver tantos músicos. Tinha 3 ou 4 baixos, 4 ou 5 clarinetas, 5 ou 6 pistons, etc., tocavam bonito!

No fim do ano, nos exames, tirei três medalhas. E dos 6 meses em diante eu fui para o quadro de honra, o qual era posto na sala de visitas. Na festa dos exames, não tendo parentes nenhum lá, a Sra. Condessa do Conde Moreira Lima ³ é que me pregou as medalhas.

Eu estando com as malas prontas para embarcar, de manhã passou um conhecido lá da Barra e me disse:

– Quer ir comigo; tenho um cavalo pra você. Eu aceitei. Falei com os padres e fui com ele para casa.

Voltei mais um ano ao colégio, no fim do qual, fui de férias e estava resolvido a não voltar mais para estudar. Chegando em casa, falei com a mãe e ela me disse: – Meu filho, quero que volte, você precisa estudar, seguir uma carreira para poder enfrentar a vida, queria que você fosse padre. Eu também queria estudar para padre, mas lá, em conversa com o diretor, ele me disse que não podia celebrar missa, por causa de não poder ajoelhar com a perna direita.

³ O barão, visconde e conde de MOREIRA LIMA foi [Joaquim José Moreira Lima](#), que nasceu na cidade de Lorena, SP em 11 de Junho de 1842. Era filho de Joaquim José Moreira Lima e de Carlota Moreira de Castro Lima, depois viscondessa de Castro Lima. Era irmão do barão de Castro Lima e da baronesa de Santa Eulália. Casou com Risoleta de Castro Lima, filha dos barões de Castro Lima, sua sobrinha. Homem de grande fortuna e coração, a ele e sua generosa família tudo deve o município de Lorena. Foi um dos fundadores do Colégio de S. Joaquim em Lorena, dirigido pelos padres Salesianos em 1891. Era Comendador da Imperial Ordem de Cristo e de S. Gregório o Magno de Roma.

No ano seguinte minha mãe foi comigo à Aparecida e na volta eu fiquei no colégio, onde já gostava, tinha boas amizades com os colegas e era estimado pelos padres. Minha mãe parece que adivinhava que era a última vez que ia à Aparecida. Ficamos lá uns quatro dias. Na volta de Aparecida arrumamos uma pensão perto do colégio São Joaquim. Ela passava o dia comigo no colégio. Ficou conhecendo todos os padres. Passei com ela por todo o colégio, era um prédio grande de dois andares em forma de “U”. Embaixo, à direita, o refeitório, em cima, o salão do dormitório, à esquerda era a capela e em cima as salas de aula. Mamãe veio embora, eu fiquei no colégio.

4 – FALECIMENTO DE MINHA MÃE

Daí uns três meses depois que cheguei no colégio, recebi uma carta do papai dizendo que a mãe estava passando mal. Eu pensei que até ela já poderia ter morrido. Pedi ao diretor e no outro dia embarquei para Pouso Alto, chegando lá à tarde. As duas mocas do tio Augusto: Conceição e Jesus. Estavam prontas para seguir para os Pintos. Souberam que a mamãe estava nas “últimas”. Tinham somente dois cavalos de cilião. Eu forrei a garupa do cavalo da Jesus, montei e fomos. Viajamos a noite toda devagar. Chegamos ao Rosário às 8 horas da manhã. Na saída do Rosário para os Pintos, encontramos com o povo trazendo a mamãe para enterrar.

O sino da igreja bateu para o enterro e daí meia hora chegou o cônego Jose Augusto de Cristina com muita gente de lá. Às 10 horas ele celebrou missa de corpo presente. A igreja estava cheia. Tinha gente de todos os lados. Na casa ao lado da igreja estava a tia Glorinha, a única solteirona das filhas da vovó Maria do Carmo Negreiros. Todos os meus irmãos estavam de camisolas pretas.

Minha mãe era uma mulher muito boa, de muita fé e caridosa. Era muito estimada. Todos a queriam bem. Muito trabalhou na construção do Rosário. A imagem da Nossa Senhora do Rosário e a de São José, com 1,20 m, que está no altar da igreja, foi doada por ela.

Às 11 horas mais ou menos, bateu o sino e o povo saiu levando-a para o cemitério. Até esta hora eu estava rezando com fé e com um nó na garganta, mas ainda não tinha chorado. Saí na porta da igreja, encontrei a tia Luiza, “negra escava” da mamãe, que deu de mamar para ela e tio João do Morro e nunca se separou da mamãe, cozinheira dos ranchos das roças. Eu falei:

– A benção tia Luiza.

Ela como era de costume respondeu:

– Deus Nosso Sinhô que te bençôa, fio meu! E que ponha a alma de sua mãe no reino da glória!

Nessa hora cambaleei e chorei doido. A negra me pegou pelo braço e levou em casa e me pôs na cama. Aí eu tratei de dormir, pois estava cansado e com sono.

Tomei um chá e conversei com meus irmãos, parentes e amigos. Nós fomos, no outro dia, para os Pintos. Tia Glorinha foi ficar conosco lá em casa do papai. Eu falei com o papai de não voltar para o colégio, o que ele concordou. Escrevi uma carta ao padre diretor pedindo a ele que mandasse a minha mala e as contas para Pouso Alto.

Mamãe era uma mulher forte e de muita saúde. Morreu com pneumonia, no sétimo dia, com 35 anos, deixando viúvo meu pai com 33 anos.

Eu com a Goica, minha irmã, que já estava mocinha, em companhia da tia Glorinha e todos os irmãos, tratamos de olhar o movimento da fazenda. Tinha uma boa porcada com mangueirão, uns 60 capados no chiqueiro e um bom gad leiteiro. O movimento de casa era a mamãe que controlava. Mas, agora, com a falta dela, os camaradas estavam firmes, cada um no seu serviço. O papai aparecia por lá de vez em quando. Pousava na Casa Grande com a vovó. O tio João e tia Imaculada vinham sempre nos ajudar no movimento.

Meu pai foi o filho que nunca quis sair dos Pintos, sempre trabalhando, junto com o pai dele, na Casa Grande. Meu avô tinha muita confiança nele, para tudo: do machado ao gabinete. O meu avô sentou um engenho de serra. A fazenda lá nos Pintos era privilegiada de pinheiros.

Nessa ocasião, meu avô precisou de dinheiro e hipotecou 1.500 alqueires por 60 contos, com Sabi Ferraz de Cristina. No vencimento da hipoteca o Sabi viajou. Não queria receber o dinheiro, queria ficar com a fazenda. O meu pai arrumou o dinheiro e levou ao juiz de Cristina, deixando depositado. O juiz levantou a hipoteca. O papai recebeu na divisão da fazenda três partes (300 alqueires): uma dele e duas compradas, ajudado pela minha mãe que trabalhava ajudando a pagar as dívidas.

Papai era muito estimado por toda a sobrinhada. Ficou viúvo com 33 anos. Quis casar-se novamente.

Era interessado na sobrinha Maria da Conceição Arkimino, filha do tio Augusto, que morava na Estação de Pouso Alto. Ela, moca boa, queria muito bem o Tião. Embrulhou ele uns 6 meses. Papai vendo que ela não queria casar, ficou noivo de Lavina Ribeiro Negreiros, filha do tenente João Negreiros. Ela viveu casada com ele dois anos. Morreu de parto no segundo filho, que morreu logo depois. Depois de uns 3 ou 4 meses, papai casou-se com Maria Rita Vilena Negreiros, que morava no Rosário.

Nesta ocasião, eu estava com 15 anos. Comprei uma casinha na beira da estrada de rodagem e comecei a negociar, uma dispensa sortida, para os camaradas e toda a família.

5 – O PRIMEIRO AMOR: PEQUENINA

Na Casa Grande morava a tia Antônia Negreiros Gondim, casada com Manuel Gondim, com os filhos: Maria do Espírito Santo, Maria do Carmo, Maria Izabel, Maria Augusta, Maria Antonia, Maria Eládia, José Olegário, Círio e Zacarias Gondim. Além dessas moças eram minhas colegas as irmãs de minha madrasta, que foram criadas com minha vó Maria Rita Vilena: Maria José, Maria das Dores José Bráulio e Antônio Vilena.

A casinha de negócios lá dos Pintos, a cedí ao tio Virgílio Bernardes. Vim lecionar no Rosário no lugar da minha madrasta, que estava de férias descansando. Até esta data ainda não tinha pensado em casamento. Minha mãe queria que eu fosse padre. Achava que eu não devia casar, ou se eu quisesse casar, que eu casasse com uma das minhas primas: Dosdores, minha colega e Malunga, irmã de minha madrasta. Mas eu estimava e considerava todas como irmãs.

Nesta ocasião chegou nos Pintos D^a Amélia Ribeiro Bernardes, irmã do tio Virgílio, viúva com 4 filhos: Deuclides, José, Sebastião e Pequenina: Maria da Conceição. Deuclides, a mais velha, era professora estadual nos Pintos. Essas duas ingressaram a fileira das moças dos Pintos. Eu quase todos os dias ia a Casa Grande. Um dia lá chegando, as duas moças foram me apresentadas. A Pequenina, órfã de pai, bonita e alegre, sentou-se perto de mim, contando com muita graça a sua vida de criança e a morte de seu pai, que fazia pouco tempo que tinha falecido. Neste dia fui embora para o Rosário com dó da menina.

No domingo seguinte vinham todos para ouvir missa no Rosário. Eu já tinha formado lá uma boa orquestra com sanfona, violões e pandeiros. Arrumava brincadeiras: um chá dançante na casa de instrução ao lado da igreja. Lá toda a família se reunia. Eu fazia questão de convidar a mãe das moças, porque se ela não fosse, as meninas também não iriam.

O cônego José Augusto gostava de assistir as brincadeiras e o papai marcava a quadrilha. Eu não dançava, mas gostava de ver todos alegres. A Goica e Carmita faziam quentão e eu, com meu violão, ajudava a orquestra. Organizava tudo com respeito e alegria.

O cônego José Augusto vinha de Cristina para celebrar de 15 em 15 dias. Vinha sábado e voltava na 2^a feira. Para a família eram 3 dias de festas. Quando ele apontava na porteira do alto, eu mandava repicar o sino e soltavam foguetes. Quando ele chegava a orquestra tocava o dobrado: o capitão Caçula. Ele chegava alegre e sorridente. Uma vez soltei os foguetes e mandei repicar o sino. O rapaz bateu o sino rachado. Esse dia ele chegou bravo!

Chegou um vigário para o Rosário: Pe Joaquim Varela, português, muito econômico e não gostava de muito foguetório. Uma vez fomos receber o Bispo Dom Ferrão e ele encomendou duas dúzias de foguetes dizendo:

– Solta uns dois na chegada e um cada vez que ele for à igreja.

O Bispo ficou lá 3 ou 4 dias. Na véspera de ir embora, de noite, todos reunidos na sala lá de casa: papai, meu avô, as moças, Pe Joaquim e o Bispo, de malas prontas. Conversando nas festas eu falei com o vigário que havia sobrado 7 foguetes, o que ele disse:

– Ataca todos amanhã cedo!

O Bispo deu rizada.

Por esta época, eu com meus 18 anos, sempre alegrando com a minha orquestra, lá nos Pintos. As minhas companheiras de infância estavam casando e saindo para suas moradas:

- Santinha Gondim, casada com Dr. Dario Vilena, juiz de direito de Cristina;
- Belinha, sua irmã, casou-se com Atílio Rodrigues, farmacêutico em Pouso Alto, morava com o Zeca Paiva;
- Carminha Gondim casou-se com José Manuel da Fonseca, em Pouso Alto;
- Maria José Vilena, casada com Carmélio Ribeiro Negreiros, com os filhos: Mauricio, Gabriel, Mário, Marieta, Maria Sezarina e Maria de Jesus. Moravam em São Lourenço.
- Manuela de Vilena morreu com 18 anos;
- Dosdores Vilena foi ser irmã de caridade;

Estava disfarçando os Pintos, aumentando os meus amigos, a quem eu era estimado e considerado pelos novos primos.

Eu, como os leitores já perceberam, simpatizei-me pela “Pequenina” e ela também por mim. Depois de quase um ano de convivência, o tio José Bruno me falou:

– É preciso casar, se você quiser eu vou falar com a mãe dela.

Consultei o papai e minhas irmãs. Falei para o tio José Bruno ir falar com ela. Voltando com a resposta me disse:

– A menina quer muito. A mãe disse que te estima muito e te quer bem, mas acha a Pequenina muito criança. Hoje ela não enxerga o seu alejão, mas mais tarde ela poderá enxergar e não dará certo.

Achei prudente e razoável o que a mãe falou.

No outro dia vieram as primas e irmãos dela falar comigo que a Pequenina tinha mandado dizer que queria casar comigo. Eu nada disse. Fiquei triste e me apeguei a Nossa Senhora do Rosário.

Eu estava apaixonado pela menina, mas me lembrei dos cuidados da mãe. De fato, a menina estava com 14 anos e eu com 19 anos. Mas o amor aumentou. E ela sempre junta nas festas e reuniões. Comigo não conversava, tinha acanhamento e eu também perdia o assunto quando chegava perto dela. Eu dançava e marcava quadrilhas e ela mandava as primas falarem que queria dançar a quadrilha comigo.

A mãe resolveu levá-la para Itatiaia para casa de um tio. Foram embarcar em Pouso Alto, na casa da Jesus e conceição Arkminio. Eu fiquei “desinguento”! Estava deveras apaixonado. Depois de 2 dias montei a cavalo e fui a Estação saber de notícias, mas não queria encontrar com a velha Melica.

Chegando na casa de Jesus entrei pelos fundos. Lá o camarada me falou:

– A Pequenina está aí sozinha. A mãe foi à Silvestre Ferraz.

O camarada gritou o pessoal lá de dentro. Vieram as três: Conceição, Jesus e a Pequenina. Ajudaram-me a desarrigar o burro. Pequenina me ajudou a levar os arreios para dentro. Já era noite. Fomos para dentro. Arrumaram o jantar para mim e a Jesus me disse que a Melica tinha ido à Silvestre Ferraz e que voltava cedo. Era para a Pequenina ir à Estação para seguir viagem para Itatiaia.

Pequenina falou que não ia embarcar. Eu a aconselhei que ela embarcasse:

– Obedeça a sua mãe e reze. Eu serei o mesmo enquanto você estiver para lá.

Passamos a noite conversando. No outro dia cedo peguei o burro e arriei. Antes de chegar o trem, despedi-me dela e vim embora.

Passado uns 4 ou 5 dias recebi uma carta da Pequenina pedindo-me para eu desistir de casar-me com ela. Na carta tinha lágrimas e estava manchada à tinta. Respondi logo:

– Se as suas palavras são do coração, farei o seu pedido, mas se foram ditadas por uma força estranha, eu persistirei no meu intento.

Passaram-se uns 6 a 8 meses. Um dia eu estava lá na casa da Jesus na Estação, quando o camarada falou:

– A Pequenina passou embarcada no expresso da tarde.

Eu fui para o Rosário e no outro dia fui à Silvestre Ferraz. O tio dela morava no largo da igreja. Eu passando a cavalo, de longe, avistei-a na janela. Quando fui chegando mais perto, ela saiu da janela. Eu apei, tratei do burro, apertei o arreio, montei e voltei. Vim embora resolvido a não procurá-la mais.

Ela veio para o Rosário. Nos não nos encontrávamos. Ela mandava recados pelas primas. Chegou a falar com o cônego José Augusto sobre o casamento, o qual sabia de tudo e falou com ela:

– Vocês vão lá em casa que eu faço o casamento.

Eu comprei um cavalo de cilião de uma Sra. minha vizinha, arriamento completo, saias compridas e chapéu de pluma. Nestas alturas, a Goica, minha irmã, a quem eu a considerava como uma mãe quando menino, me aconselhou que eu não fizesse isto, que casar assim não dá certo. Tem muito tempo e muita moça que te quer. Ela também achava a Pequenina muito criança.

Eu, apegado com Nossa Senhora do Rosário e a alma de minha mãe, reforcei as orações e dizia:

– Minha Nossa Senhora, fazei com que eu case com a Pequenina, se não sei o que faço!⁴



Vovô Zotinho. Nas janelas: Tigró e tia Zuza, na casa da Ponte do Carmo.

⁴ **Poesia do Geraldo Lima:**

Pequenina, flor em botão,
Fora o meu primeiro amor
Também a primeira dor
Mas Deus, com sabedoria,
Deu-me outra em seu lugar
Fui feliz e de invejar,
Não preciso seu nome contar,
Mesmo assim eu digo: foi a Maria,
Um anjo que eu, nem merecia.